



“CORPO ESTRANHO”: corporeidades trans, silêncios, resistência¹

André Cavalcante²

“Se corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir, quando desde criança viver no mundo era seguir padrões em detrimento de sua própria natureza. Detrimento do bem estar de ser quem quiser. Da liberdade de poder habitar. Eu habito o meu corpo para buscar habitar corpos e espaços nunca conhecidos. Utilizo de poesia como forma de sobrevivência sobre a pulsão de ser verdadeiro e estar o tempo inteiro se afirmando. Ser só se tornou possível através do contato com corpos estranhos, corpos que habitam suas próprias subjetividades e vivem também na cidade.”

Matheusa Passareli, estudante da UERJ, não-binária, morta em uma favela do Rio de Janeiro em Maio de 2018, em seu trabalho sobre o corpo estranho, aborda a relação entre ter uma identidade de gênero que não corresponde ao modelo cisnormativo e da relação entre subjetivação e corpo. Seu corpo é estranho, resiste a sobreviver em uma sociedade lgbtfóbica³ e necessita se afirmar, resistir para existir no espaço urbano. O urbano que cerceia pelos fios discursivos e geográficos corpos que “devem” estar à margem. Assim, para Matheusa, ser quem se é só foi possível pelo contato de outros corpos estranhos a univocidade lógica da cisnormatividade. Corpos abjetos se juntam, formando uma corporeidade dissidente, habitando a cidade ainda que deem de encontro com o real, com o silêncio que intenta apagar essas subjetividades, esses sujeitos, esses sentidos outros.

Cisnormatividade para os estudos de gênero, sobretudo para os transfeminismos, é o modelo que preconiza a cisgeneridade, correspondência entre o sexo designado ao nascer e a identidade de gênero, como normativa, ou seja, o padrão hegemônico

¹ Corpo Estranho é uma referência aos trabalhos produzidos pela artista Matheusa Passareli. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem pela UFF, Integrante do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF) e do Núcleo de Estudos e Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV/UFPE). Contato: acbs.cavalcante@gmail.com.

³ LGBTIfobia é a prática discursiva que visa silenciar, desrespeitar e promover a violência física e simbólica a sujeitos que apresenta uma identidade de gênero, orientação sexual ou condição sexual que destoam dos modelos hegemônicos da heterossexualidade e cisgeneridade. Fazem parte desse grupo lésbicas, gays, bissexuais, travestis, travestis, transgêneros, intersexuais e outros.

- o qual Matheusa Passareli destoava, identificando-se como uma pessoa não-binária (nem homem nem mulher).

Passareli resistiu por 19 anos; um corpo, uma maneira de subjetivar-se que se tornou cinzas. Uma materialidade significativa que não se pode mais capturar, ver, significar na nossa conjuntura sócio-histórica. A partir desse breve relato sobre um sujeito-trans, reflito, neste trabalho, a relação das corporeidades trans, resistência e (des)estabilização de sentidos, pelo viés da Análise do Discurso (AD).

Tal teoria tem como objeto o discurso, isto é, como os efeitos de sentidos se produzem na História, entre a estrutura e o acontecimento (PÊCHEUX, 2014 [1969]; 2009 [1975]). Assim, através da língua, em sua estrutura relativa, sujeita a falhas, equívocos e brechas, sentidos são postos em curso remetendo-se a dizeres já ditos.

Nos estudos de Linguagem, a partir do corte saussuriano, noções como a de sujeito tinham sido deixadas de fazer parte do foco das discussões. No entanto, com a AD, se pode pensar novamente sobre essa categoria, porém, não pelo viés empirista. Sujeito, nessa teoria, diz respeito às posições discursivas que representaram os locutores na linguagem. O sujeito do discurso é afetado pelo inconsciente e pela ideologia. Assim, é um sujeito dividido, descentrado e desde sempre já sujeito pois é interpelado de indivíduo a sujeito pela Ideologia, através do funcionamento dos esquecimentos. Quais sejam: o número 1, do nível inconsciente, que diz respeito a ilusão de que o sujeito é fonte do sentido; e o número 2, pré-consciente, que seu dizer só pode ser dito daquela maneira. (cf. PÊCHEUX, [1975] 2009)

Através dessa maneira de pensar a constituição dos sentidos e dos sujeitos, que ocorre mutuamente na AD, aqui, a partir do aparato teórico-metodológico dessa teoria, viso analisar os discursos do/sobre os sujeitos-trans. Para tanto, analisar-se-á algumas postagens em perfis de militância LGBTI no *facebook*, para compreender o funcionamento dos discursos sobre a temática do corpo trans, e assim, os sentidos que se produzem na discursividade, na relação entre silêncio, resistência e (des)estabilização dos sentidos. Os sujeitos-trans, como discutiremos nas análises, apresentam uma identificação de gênero que não corresponde a imposta ao nascer,

e deste modo, através do corpo como linguagem, se subjetivam de forma diferente do já-posto, do já-esperado, produzindo, portanto, resistência.

Refletir sobre esses sujeitos é, de toda maneira, observar a relação do corpo com a linguagem e a produção de sentidos. Para Leandro-Ferreira, o corpo pode ser visto em AD como lugar de observação do sujeito, objeto de investigação e como ferramenta, ou seja, categoria teórica (LEANDRO-FERREIRA, 2015, p. 13). Para que esse corpo se torne sujeito e seja passível de investigação científica, é necessário o atravessamento da linguagem que interpela um pedaço de carne a se tornar corpo, ou seja, a produzir sentidos em uma dada conjuntura.

Pêcheux (1982 [2014], p.109), refletindo sobre as formas ideológicas de submissão dos sujeitos, aponta que a interpelação influencia as relações dos sujeitos, com seu corpo, com sua língua e com seu pensamento. Para este,

De nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um “mundo semanticamente normal”, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento). (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 34)

Em consonância com autor, a normatização em universos logicamente estabilizados inicia-se na relação dos sujeitos com seus próprios corpos e com seus arredores imediatos. Em tempo, Pêcheux (1978 [2009]) já tinha pontuado a relação do corpo com o Ideologia ao refletir sobre as falhas no ritual da interpelação ideológica. Para ele, no anexo III, não há assujeitamento “perfeito”, há brechas, fissuras, deslizamentos, espaço para resistência. É nesse sentido que o autor traz uma nota de uma narrativa autobiográfica de um operário de umas das indústrias Citröen, “Mas a vida se revolta e resiste. O organismo resiste. Algo, no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada.” (LINHART, 1998 apud PÊCHEUX, 1978 [2009])

Nesse sentido, a resistência pode se dar no corpo. Através dele, sentidos outros são produzidos, como analisarei nas sequências discursivos-imagéticas que traremos como prints de postagens do *facebook*, a fim de ilustrar o funcionamento das discursividades do/sobre o corpo trans.

Na imagem abaixo, publicada na página de militância, onde são compartilhados cartazes, tirinhas, vídeos, charges que dizem respeito à população LGBTI, foi postado um *print* de um usuário do Facebook comentando uma situação vivida pela travesti Indianare Siqueira⁴, famosa na cidade do Rio de Janeiro por ser militante trans e por lutar pela visibilidade e cidadania de pessoas trans.

Imagem 1⁵



Nesta postagem, o sujeito comenta uma situação na qual Indianare fez um protesto, no ano de 2016, colocando os seios à mostra e dizendo que se a prendessem, o sistema judiciário teria que tomar duas posições. 1. Se a encarassem como homem, deveriam prender todos os homens que andam sem camisa na rua. 2. Se a lessem como mulher, a notificassem por atentado ao pudor, por mostrar seios de mulher, signo identificado como uma característica de mulheridade, deveriam mudar os documentos dela e, como ela diz: “assumir que sou mulher”.

Com isso, a militante trans põe em xeque o discurso jurídico o qual, através dos mecanismos ideológicos dos aparelhos de Estado, juntamente com o discurso médico, é o que legitima a existência desses sujeitos na sociedade. Os seios, nesse

⁴ Grafo aqui a escrita “Indianare” pois a militante atualmente se apresenta dessa maneira e se identifica como travestigenere, nas suas palavras: “pessoa de peito e pau”.

⁵ <https://www.facebook.com/CartazesLgbt/photos/a.228904437209393.37771.228900067209830/920983321334831/?type=3&theater> (acesso em 27/03/18)

momento, é um signo do corpo travesti, que, nesse caso, ainda não era considerado pela lei como um corpo feminino. No entanto, esse mal-estar provocado a partir daquele corpo resiste ao silenciamento, pondo no fio do discurso sentidos outros sobre corpo e gênero, demonstrando a falha do Estado, que estrutura uma rede de sentidos do/sobre o corpo trans.

Para Orlandi (2012), a falha é o lugar do possível e é estruturante do sistema capitalista. De forma contraditória, é ela que segrega e torna possível o processo de individuação e identificação dos sujeitos. No caso dos sujeitos-trans, a falha se dá na lógica binária sobre os gêneros, equivocando a cisgeneridade como regra. Através do corpo é que os sujeitos resistem, dando condições, ainda afetados pela ideologia e pelo inconsciente, para que “sujeitos e sentidos possam ser outros, ‘fazendo sentido no interior do não-sentido’” (ORLANDI, 2010, p. 231)

Na imagem anterior, observamos que o sujeito-trans resiste no/pelo corpo, materialidade significante, que permite desnaturalizar a correspondência entre sexo/gênero. Tal (não) correspondência é cerne das discussões nos estudos de gênero, como observa Paul B. Preciado.

Para o autor,

O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção – reprodução sexual, na qual outros códigos se naturalizam, outros ficam epiléticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetições e de recitações dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2014, p. 26)

Em seu manifesto contrassexual, a fim de expor as falhas do sujeito tradicional⁶, Preciado diz que o corpo é construído socialmente como um texto. Portanto, o autor não faz a distinção convencional entre sexo, visada biológica sobre os sujeitos e o gênero, as performances sociais e diferenciação histórica entre homens, mulheres e outras identidades que extrapolam esse binarismo. Assim como Butler, Preciado

⁶ Entendo aqui como sujeito tradicional o modelo hegemônico cisheteronormativo, representados por sujeitos do gênero masculino, cisgêneros e heterossexual. Pensando em um recorte de raça e classe, também poderíamos incluir características como branco e de classe média.

também acredita que o sexo é construído. Para tanto, cita o caso das pessoas intersexuais como uma forma de modelar o sexo biológico, compulsoriamente, pela tecnologia cirúrgica.

Vale ressaltar que as intervenções cirúrgicas sobre os corpos não é algo que esteja estritamente relacionado à transgeneridade, pois, além de pessoas cisgêneras fazerem algum tipo de cirurgia com fins estéticos, nem todos os sujeitos trans passaram ou sentem a necessidade de se submeterem a práticas cirúrgicas.

Por outro lado, mesmo que a injunção aos sujeitos-trans a sentirem um desconforto com o próprio corpo, através de dizeres e práticas cisnormativos, que provocam nesses sujeitos um estado de sempre alerta aos perigos das violências sofridas no/sobre o corpo, e cerceamento de sentidos outros sobre gêneros dissidentes, produzir sentidos a partir desse corpo “não-dócil”, vigiado e punido, nos termos de Foucault (2014 [1975]), é um gesto de resistência que não se descola da historicidade nem da Ideologia.

Aqui tenho pensado as resistências, em consonância com Pêcheux: as falhas no ritual de interpelação ideológica (PÊCHEUX [1978] 2009) e podem ser consideradas como

não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como se fosse uma estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, [1982] 1990, p. 17)

As resistências, portanto, surgem através das falhas da Ideologia e não escapam ao ritual da interpelação ideológica, pois não há linguagem fora da Ideologia. A resistência provoca, então, uma desestabilização no dizível e a possibilidade da produção de um discurso outro, de sentidos não dominantes tomando espaço no fio do discurso.

Na imagem 2, por exemplo, apresento uma análise desse movimento de resistência do corpo trans.

Imagem 2⁷

A imagem acima foi trazida da página NLUcon do Facebook, onde são divulgadas notícias, entrevistas e vários tipos de textos acerca da população trans. Nesse *print*, há um recorte de uma matéria onde se encontram como materialidade significativa uma foto do modelo trans Theo Barreto e um excerto da sua fala: “Eu amo ficar nu e acho que a gente, cis e trans, precisa trabalhar a cabeça para amar o nosso corpo do jeito que é. Porque o mundo projeta ideias de corpos que sofremos ao buscarmos ou nos sentirmos fora dele. Se amar nu é uma liberdade excepcional.”

No lado esquerdo, o corpo trans é materialidade do sujeito, lugar de significação. Mostrar o corpo trans e demonstrar satisfação com ele, ainda a partir de algumas alterações, como no caso da sequência acima; ser objeto de olhares outros a partir de ensaios fotográficos, é uma maneira de resistir e produzir sentidos outros sobre/atraves do corpo trans. Mesmo que este seja ainda visto por outros sujeitos como algo “anormal” - corpo estranho – é onde habita o sujeito, com desejos, demandas e com uma própria maneira de subjetivar-se, assim como outras corporeidades, independente da identificação de gênero. Portanto, ao pensarmos em corpos trans, tais como o de Theo Barreto, percebemos que não há nada de

⁷https://www.facebook.com/nlucon/photos/a.232162046884683.38451.231283110305910/811188948981987/?type=3&comment_id=811511615616387&ref=notif¬if_t=photo_comment¬if_id=1468552593854957 acesso em 16/11/2018.

anormal nesses corpos. Se pensarmos em genitálias presentes neles, todas elas estão no campo das possibilidades disponíveis para o corpo humano. Além disso, como aponta o enunciado de Theo Barreto, a normatização dos corpos, a cobrança da sociedade por um corpo imaginário e ideal também produz efeitos, sob forma de sintoma em pessoas trans e não-trans, sendo uma forma de mal-estar na cultura, como veremos posteriormente.

Com vistas a pensar também o discurso sobre os corpos trans, trago um recorte de alguns comentários da postagem anterior. Para tanto, lanço mão de Foucault e Mariani para discutir a relação entre as noções de *discurso sobre e comentários*.

O espaço abaixo das postagens publicadas no *facebook* chamado de comentários é uma ferramenta bastante utilizada na produção de discursos outros, respostas e outras leituras outras sobre o *post* principal, a ponto de ser inaugurada, posteriormente, nessa rede social e em alguns portais de notícia, o “comentar comentários”.

Sobre o comentário, Foucault ([1970] 2014) o pensa como um procedimento de delimitação e controle do discurso⁸, sendo este um procedimento interno, uma vez que exerce um controle sobre eles mesmos, retomando, transformando o que é dito no discurso anterior. Para este, a prática discursiva é controlada, selecionada e organizada com vistas a conjurar seus perigos e poderes, assim, existem os processos de exclusão dos quais o mais evidente é a interdição, pois não se tem o direito de se dizer tudo. Pois, “muitos textos maiores se confundem e desaparecem, e, por vezes, comentários vê tomar o primeiro lugar.” (FOUCAULT [1970] 2014, p. 22) Nesse sentido, alguns comentários podem tornar-se um discurso outro, deslocando sentidos, produzindo outros dizeres, como veremos na imagem 3.

A ferramenta “comentar”, como funciona nas redes sociais⁹, é um lugar de subjetivações, tomadas de posição em relação ao que se está comentando. É nesse

⁸ noção foucaultiana para os agrupamentos de enunciados. (Definição vista em *A arqueologia do Saber*)

⁹ Os comentários, em alguns portais de notícias, apresentam o aviso que são de responsabilidade dos autores e não expressam a opinião da instituição. Vale ressaltar que esses sites, e, também, os

sentido que Dela-Silva (2015) afirma que este espaço se constitui sob a evidência de “liberdade” dos sujeitos, sendo assim, um lugar onde imaginariamente “tudo se pode dizer”, “sem limites de espaço” e “com circulação imediata”. Nos dizeres dos/ sobre os sujeitos trans sobre o corpo, o comentário se constitui como um lugar próprio ao *discurso sobre*, noção refletida por Mariani, ao dizer que

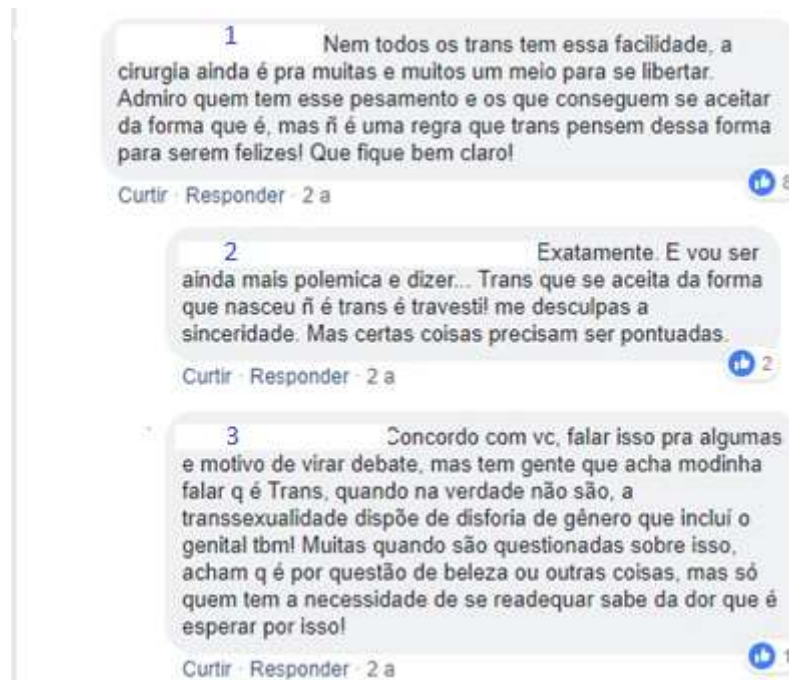
são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os *discursos sobre* são discursos intermediários, pois ao falarem de um discurso de (discurso-origem), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimentos, já que ao *falar sobre* transita na co-relação entre o narrar, descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecidos pelo interlocutor. Do nosso ponto de vista, o discurso jornalístico, sobretudo na sua forma de reportagem, funciona como uma modalidade do *discurso sobre*, pois coloca o mundo como objeto.[...] E com isto estamos afirmando, em decorrência, que o discurso jornalístico contribui na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado bem como na constituição da memória do futuro. (MARIANI, 1996, p.64)

Como aponta a autora, os *discursos sobre* são responsáveis pela institucionalização dos sentidos, produzindo uma memória sobre determinados discursos, dissimulando as possibilidades de sentidos outros, mas que falam de um lugar de autoridade. Para Mariani, o discurso jornalístico produz esse efeito, construindo objetos no mundo e contribuindo para um imaginário social, cristalizando os sentidos. Quando se pensa nas pessoas trans, a medicina e o jurídico eram as principais instituições que produziam o discurso sobre essa população, determinando o que era ser transexual, travesti, transgênero. Até pouco tempo, em relação a essa temática, só tínhamos acesso a essa modalidade de discurso porém, com a democratização de mídias alternativas e também em novelas, programas de tv, reportagens, da mídia tradicional, pode-se ter acesso também ao *discurso de*. No entanto, não sem resistência e disputa pelo dizer, essa população tem apresentado um pequeno espaço para (se) dizer e produzir sentidos outros sobre a transgeneridade. Entretanto, importa dizer que essas duas modalidades de discursos podem estar

perfis e páginas do *facebook* apresentam um mecanismo de censura, no qual, alguns administradores podem escolher os comentários que aparecerão, apagar outros, filtrar, etc, ou seja, há um controle do discurso. Analisando os comentários da imagem 3, percebi que alguns comentários haviam sido apagados, possivelmente pelo próprio autor. Assim, só tivemos acesso a alguns comentários que eram resposta ao comentário apagado, mas que o retomava em seu dizer. Ademais, alguns dos posts *printados* durante essa pesquisa foram apagados posteriormente, mostrando as interdições e a ilusão da completude do espaço virtual. Por exemplo, a imagem 1, ao retornarmos dois anos após a publicação original, não se encontra mais disponível. Ao buscarmos o link, surge a seguinte mensagem: “O conteúdo não está disponível. O link que você seguiu pode ter expirado, ou a página pode estar visível apenas para um público no qual você não está incluído.”

imbricadas. O *discurso de* é atravessado pelo *discurso sobre*. Ao dizer de si, os sujeitos-trans, pelo jogo de formações imaginárias, trazem à tona o *discurso sobre* já institucionalizados, mesmo que seja para refutá-los. Assim, também, no *discurso sobre*, pode trazer consigo marcas do *discurso de*. É o que apontaremos, a seguir, nas análises dos comentários, como um lugar possível para a produção dessas modalidades de discurso.

Imagem 3¹⁰



A imagem acima diz respeito a comentários sobre a matéria do modelo Theo Barreto (imagem 2) - dela recortamos um comentário principal e duas de suas respostas. No primeiro, o sujeito-comentador 1 diz, ao referir-se ao sujeito-trans da imagem que, no geral, transgêneros tem pouca facilidade em aceitação ao seu próprio corpo e quando isso é admirável, porém, “a cirurgia ainda é pra muitos e muitas um meio para se libertar.” Com isso, observa-se que nos discursos sobre o corpo trans, há a regularidade que a transgeneridade, em grande parte das vezes, tem relação com a forma que o sujeitos-trans lidam com seus corpos. Como aponta esses dizeres, há uma disforia com o corpo. O corpo é responsável pelo mal-estar, pelo “aprisionamento”, e a cirurgia pode libertá-lo.

¹⁰ Mesmo link e data de acesso da imagem 2.

É recorrente nesses discursos a ideia de corpo errado e que os sujeitos-trans precisam se libertar, ser sujeitos em uma corporeidade que reflita sua identidade de gênero. Nessa seara, há sentidos que perpassam a lógica binária, em que o corpo seria um signo que produz sentidos de uma determinada identidade de gênero. Ou seja, ser homem ou mulher trans é apresentar certas características corpóreas. Porém, esse tipo de dizer é silenciamento ao discurso militante da imagem 1 e um deslocamento de sentidos em relação à imagem 2. Assim, como apontamos anteriormente com o respaldo de Foucault (2014) e de Dela-Silva (2015), os sentidos nos comentários são interditados, se deslocam e, pela ilusão de liberdade dos sujeitos-comentadores, dizeres outros são produzidos, silenciando os do *post* principal, mostrando, também, que, pela heterogeneidade, os discursos de e discurso sobre imbricam-se.

Nessa direção, o segundo comentário também é produzido pelo sujeito-comentador 1, como resposta a algum dizer que foi apagado do post (pelo administrador da página ou pelo próprio autor). Em 2, o sujeito aponta que falará algo polêmico, opina que “trans que se aceita da forma que nasceu ã é trans é travesti!” e conclui seu dizer pedindo desculpas pela sinceridade, mas que precisava expor tais palavras. Através desses dizeres observa-se um outro deslocamento de sentidos. Apesar de travesti também ser identidade trans, essa denominação não se aplicaria aos homens trans, foco do post da imagem 2, pois travesti é uma identidade feminina. Além disso, travesti e mulher trans, para os estudos atuais de gênero, não são categorias determinantemente distintas. Tais identificações de gênero dar-se-ão pela autoidentificação. Portanto, não há uma distinção clara sobre ser trans e ser travesti, tampouco uma assimetria entre essas identidades - como são ditas no senso comum que apresenta mulher trans (com redesignação genital) sendo aceita socialmente e, travesti (sem alterações genitais), sendo marginalizada, subalterna. Está não dito nesse comentário um juízo de valor sobre pessoas que se identificam como travestis. Portanto, para esse sujeito fazer essa distinção é algo polêmico, e, antecipando seus leitores, o sujeito-comentador 1 já apresenta suas desculpas.

Emerge nos discursos sobre a transgeneridade a questão do mal-estar com o corpo, como se isso se tratasse exclusivamente de uma demanda trans e como se todos

esses sujeitos devessem/quisessem fazer intervenções cirúrgicas. No entanto, como temos dito, sujeitos cis também se submetem a procedimentos cirúrgicos.

Nesse sentido, Freud já apontou que, como neuróticos que somos, uma das fontes do mal-estar na cultura é o nosso próprio corpo e sua decrepitude. O corpo, por si só, é nossa própria ruína. Assim, não precisamos de dor nem de medo. O mundo externo pode abater, também, o sujeito, causando-lhe sofrimento e esta seria a fonte de sofrimento mais dolorosa. Sobre essa relação entre sujeito / corpo / mundo externo, vejamos o próximo comentário.

Em 3, encontra-se o dizer do sujeito-comentador 2, respondendo ao comentário anterior, em concordância com este. Nesse comentário, o internauta diz que precisa debater o assunto melhor, pois, aparentemente, ser trans tornou-se modinha. E, sim, pessoas trans apresentam disforia de gênero, o que inclui o genital. Para esse sujeito, “só quem tem a necessidade de se readequar sabe da dor que é esperar por isso!” Nesses dizeres, o sujeito ratifica a relação dos sujeitos (trans) com o corpo como algo que gera conflitos e sofrimento. Porém, pela demanda do outro, que não entende a causa trans e as necessidades de alguns sujeitos em fazerem alguma modificação no seu corpo. Ademais, para esse sujeito, o desejo das pessoas trans por um corpo “completo”, que diga da sua identidade de gênero, é visto, para muitos, apenas como um capricho estético e não como uma “readequação”. No entanto, trazer essa palavra (readequação) no fio do discurso é retomar a antiga questão filosófica entre a distinção entre “alma” e “corpo”, pois, para tal sujeito, precisa “readequar”, para que o corpo esteja em consonância com a alma, nesse caso, a identidade de gênero do sujeito.

Com essas breves análises, observa-se que, nos embates discursivos sobre a transgeneridade, parte dos sentidos sobre as diversas identificações de gênero são calados. Silenciam-se sujeitos, corporeidades outras pelo funcionamento da política do silêncio, representada por dois silêncios: i) o constitutivo - uns sentidos podem ser ditos e outros não, dizeres sobre a transexualidade são deixados de ser ditos para que outros discursos se produzam; ou pelo ii) local – que diz respeito à censura, que atua sobre os sujeitos trans através da violência física e simbólica diária em uma sociedade transfóbica. (ORLANDI, 2013) Para tanto, os discursos

sobre corpo e transgeneridade, ora retomam dizeres já postos sedimentados no interdiscurso, no lugar do dizível, sobre esses sujeitos, ora desloca para outros, produzindo, assim, resistência.

Assim, uma vez que o corpo é atravessado de linguagem e produz sentidos, este faz parte, também, dos universos não logicamente estabilizados, seus sentidos são múltiplos e heterogêneos. Desnaturalizar o funcionamento da ideologia na linguagem, e, por conseguinte, nos corpos, nos gêneros, é também, equivocar a cisnormatividade, através das corporeidades trans, que deslocam sentidos, desestabilizam já-ditos sobre o masculino e o feminino, e, assim, possibilitam outras maneiras de subjetivação.

Ademais, nas disputas dos sentidos, dos corpos e subjetividades, é necessário que usemos nos revoltar, sentir, ouvir, lutar, para que sentidos silenciosos quanto um sopro não sejam o vazio de seu próprio rastro.

Matheusa, presente!

REFERÊNCIAS

DELA-SILVA, S. Discurso, resistência e escrita: por uma análise discursiva dos espaços para os sujeitos na mídia. In: FERRARI SOARES et al. **Discurso, resistência e...** Cascavel, PR: Edunioeste, 2015.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. (tradução Renato Zwick) 2ª ed.- Porto Alegre, RS:L&PM, 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. (tradução de Raquel Ramalhete).42ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 [1975].

_____. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. – 8ª ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 [1969].

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Discurso: conceito em movimento. IN: LEANDRO-FERREIRA, M. C. **Oficinas de Análise do Discurso**: Conceitos em Movimento. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

MARIANI, B. **O Comunismo Imaginário**. Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Tese de Doutorado. Campinas, SP: 1996.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4ª Ed. Campinas,

SP: Editora da Unicamp, 2013.

_____. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In. Olandi, E. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012, p. 213-234.

PÊCHEUX, M. (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. (1983) **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. 7ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. (Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro) São Paulo: N-1 Edições, 2014.